

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 14

Aristóteles
Metafísica
Livros IV e VI

Tradução, introdução e notas
Lucas Angioni

IFCH/UNICAMP
Setembro de 2007

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº 14

Aristóteles

Metafísica

Livro IV (Gamma) e

Livro VI (Epsilon)

Tradução, introdução e notas

Lucas Angioni

Departamento de Filosofia
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH
UNICAMP

Setembro de 2007

CLÁSSICOS DA FILOSOFIA: CADERNOS DE TRADUÇÃO N. 14
IFCH/UNICAMP – Setor de Publicações

Diretor: Prof. Dr. Arley Ramos Moreno

Diretora Associada: Profa. Dra. Nádia Farage

Comissão de Publicações:

Coordenação Geral:
Profa. Dra. Nádia Farage
Coordenação da Revista Idéias:
Prof. Dr. Márcio Bilharinho Naves
Coordenação da Coleção Idéias:
Prof. Dr. Fernando Teixeira
Coordenação da Coleção Trajetórias:
Prof. Dr. Alvaro Bianchi
Coordenação das Coleções Seriadadas:
Prof. Dr. José Oscar de A. Marques
Coordenação das Coleções Avulsas:
Profa. Dra. Guita Grin Debert

Representantes dos Departamentos:

Profa. Dra. Guita Grin Debert – DA,
Prof. Dr. Alvaro Bianchi – DCP,
Prof. Dr. Fernando Teixeira – DH,
Prof. Dr. José Oscar de A. Marques – DF,
Prof. Dr. Márcio B. Naves – DS.
Representantes dos funcionários do Setor:
Márcia Cimélia Garcia, Magali Mendes e
Sebastião Rovaris
Representante discente: Fábio Scherer e
Eugenio Braga (pós-graduação) e Renato
César Ferreira Fernandes (graduação)

Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução / Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. n. 1 (2002) --- Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007, 59 p.

ISSN 1676-7074
2007 (14)

1. Ontologia. 2. Filosofia primeira. 3. Dialética. 4. Epistemologia. 5. Axioma da não-contradição. 6. Teoria da predicação I. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas 8. Universidade Estadual de Campinas. II. Título.

CDD 100

Catálogo na Fonte - Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP – CRB nº 08/5124 / Sandra Ferreira Moreira

Setor de Publicações:

Maria Cimélia Garcia, Magali Mendes, Maria Lima e Hilda Sigala Pereira.

Gráfica:

Sebastião Rovaris, Marcos J. Pereira, Marcílio Cesar de Carvalho e José Carlos Diana.

Endereço para correspondência:

IFCH/UNICAMP – Setor de Publicações

Caixa Postal: 6110

CEP: 13083-970 – Campinas - SP

Tel. (019) 3521.1604 – Livraria: 352.1603 – Fax: (019) 3521.1589

pub_ifch@unicamp.br – <http://www.ifch.unicamp.br/pub>

SOLICITA-SE PERMUTA
EXCHANGE DESIRED

Capa - Composição e Diagramação - Revisão - Impressão
IFCH/UNICAMP

SUMÁRIO

Aristóteles Metafísica Livro IV e Livro VI

Introdução	05
Livro IV (Gamma)	13
Livro VI (Epsilon)	35
Notas	41
Glossário	45
Bibliografia	53

INTRODUÇÃO

Lucas Angioni

Este volume constitui versão ligeiramente modificada – e, esperamos, aprimorada – da tradução dos livros IV e VI da *Metafísica* de Aristóteles que publicamos, em 2001, no número 45 da coleção *Textos Didáticos*, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Aproveito para corrigir deslizes de digitação e infelicidades da redação, bem como para atualizar referências bibliográficas, mas, obviamente, as modificações mais significativas encontram-se na nova versão da tradução do texto de Aristóteles. Embora as premissas metodológicas que orientam meu ofício de tradutor não se tenham modificado substancialmente, e embora eu me sinta à vontade para re-imprimir aqui quase tudo que havia dito em 2001 sobre esse assunto, a tradução propriamente dita sofreu modificações de grande monta. Aos poucos, tenho eliminado os barbarismos e atentados à língua portuguesa, oriundos da crença ingênua de que a “fidelidade” da tradução, em vista das peculiaridades do texto aristotélico, justificaria tais “sacrifícios”. Espero ter encontrado resultados mais satisfatórios para a tradução das partículas e para a reconstituição do estilo argumentativo de Aristóteles. Em relação ao léxico, o que é mais digno de nota é uma nova experimentação para traduzir a fórmula “*to ti ên einai*”: “aquilo que o ser é”, ou, quando o contexto permite, “aquilo que seu ser é”. Provavelmente, essa nova proposta é tão desapontadora como tantas outras, mas me parece justo experimentá-la. Nas notas e no glossário, efetuei apenas as modificações necessárias em vista das mudanças na tradução. Segue-se a Introdução do volume original, com pequenas alterações.

No conjunto que constitui a obra hoje conhecida como “*Metafísica*” de Aristóteles, o livro IV (Gama), juntamente com os livros “centrais” (VII-VIII-IX), ocupa lugar preponderante. Nele, Aristóteles apresenta e desenvolve seu projeto de construir uma “ciência do ente enquanto ente”, responsável pelo discernimento dos primeiros princípios e causas, aos quais todos os entes particulares (e, por conseguinte, todas as

ciências particulares que deles tratam) estariam igualmente submetidos. A partir da premissa inicial de que “o ente se diz de muitas maneiras” (1003a 33), Aristóteles paulatinamente vai construindo uma “semântica ontológica” preocupada em alinhar, principalmente em defesa do princípio da não-contradição, uma série de distinções e conceitos intrinsecamente conectados entre si. Após essa empreitada – considerando-se o livro V como um “léxico” independente, que não faz parte da progressão argumentativa da *Metafísica* em seu todo –, Aristóteles necessita de uma transição articulada que, a partir do estudo mais geral concernente ao “ente enquanto ente” e seus atributos fundamentais, leve ao estudo mais particular concernente à *ousia* sensível e seus princípios e causas (livros VII-VIII). Essa transição é devidamente efetuada pelo livro VI (Epsilon): nele, após refletir sobre a divisão “arquitetônica” das disciplinas científicas e filosóficas (capítulo 1), Aristóteles assume um outro aspecto da tese de que “o ente se diz de várias maneiras”, a partir do qual retoma alguns resultados apresentados no livro IV, abrindo o caminho para a nova série de investigações que se seguirá.

Tal como nos volumes que anteriormente publicamos nas coleções *Textos Didáticos* e *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução*, tivemos por objetivo oferecer um instrumento de trabalho minimamente viável para os cursos de filosofia antiga ministrados na Unicamp. É natural que a presente tradução apresente inúmeras deficiências. No entanto, julgamos de bom arbítrio expor publicamente nossa *experimentação provisória*, por duas razões: de um lado, estamos convencidos de que a tradução dos textos clássicos da filosofia grega exige uma maturação que necessariamente envolve o aprimoramento sucessivo de tentativas anteriores, devidamente apreciadas e criticadas pelos leitores (tanto os leitores comuns, como os leitores dotados de competência crítica no assunto); de outro lado, temos a convicção de que até mesmo uma tradução preliminar e não-definitiva é extremamente útil para os alunos (sobretudo os da graduação, mas também os da pós-graduação) que queiram se iniciar nos estudos de filosofia antiga, dada a escassez de material disponível em língua portuguesa nessa área.

Não é meu objetivo oferecer uma introdução aos livros aqui traduzidos. Compete-me, no entanto, explicitar os parâmetros e princípios em que me fiei para confeccionar a tradução, assim como prestar contas quanto à seleção do texto grego.

Para quem leu as introduções dos volumes que publiquei anteriormente, corro o risco de me repetir de modo maçante. Mas reitero que tive por objetivo preponderante

deixar claro em português, com os recursos próprios de nossa língua, a argumentação que Aristóteles pôde exprimir de maneira muito mais enxuta, com os recursos peculiares da língua grega. É sabido que o tradutor deve almejar “ser fiel” ao texto original, evitando introduzir no texto traduzido aquilo que não se encontra no primeiro. No entanto, uma crença ingênua nesse ideal de “neutralidade” do tradutor pode-nos levar a equívocos igualmente inadequados, ou até mesmo a aberrações, tornando o texto traduzido ininteligível para o leitor comum, que desconheça o texto original.

Quanto a isso, há uma distinção importante a ser considerada. Na tradução, sempre corremos o risco de introduzir no texto traduzido *palavras e expressões lingüísticas* que não encontram correspondentes no original. E igualmente corremos o risco de introduzir no texto traduzido *idéias e argumentos* que não se encontram no original. Esses dois riscos não se encontram automaticamente relacionados. Quero dizer o seguinte: é possível usar no texto traduzido uma palavra que pretensamente não faria violência ao universo de correspondências lexicais dado no texto original, mas, mesmo assim, essa palavra poderia deixar escapar o *pensamento* ou a *argumentação* que se nos apresenta. De modo simétrico, é possível utilizar uma palavra muito distante do universo de correspondências lexicais dado no texto original, mas, mesmo assim, captar e re-apresentar de modo claro o pensamento ou a argumentação que o texto original exhibe. E o que foi dito concernente a *palavras* é igualmente (ou ainda mais) válido para toda a sorte de expressões lingüísticas.

Assim, assumi como princípio preponderante tentar não *trair o pensamento e a argumentação* do texto original. É óbvio que o pensamento e a argumentação se constróem mediante palavras e expressões lingüísticas, e não estou aqui advogando uma tese insana que reservasse à expressão lingüística o mero papel de instrumento neutro na transmissão do pensamento. Pelo contrário, muito pelo contrário. Rejeito antes a pretensão de que haja uma correspondência imediata (e biunívoca) entre certos itens lingüísticos e certos pensamentos. O significado de uma palavra (ou de uma expressão lingüística qualquer) no texto de Aristóteles não é determinado *a priori* a partir de sua etimologia; pelo contrário, o significado é determinado pelo conjunto de interrelações que a palavra apresenta com diversas outras, na articulação complexa de um texto que pretende *argumentar*, isto é, inferir conclusões a partir de premissas anteriores. Assim, por exemplo, nada garante que a tradução de *eidós* por “espécie” (adotada por Yebra a partir de razões estritamente etimológicas¹) apreenda

melhor o pensamento original de Aristóteles. Ora, o que significa “espécie”, em português? O que tal termo significa, em geral, no léxico filosófico já sedimentado em língua portuguesa? O que ele significa para um leitor que irá defrontar-se com o texto aristotélico em português? Ora, o significado de “espécie”, no texto traduzido em português, será o resultado de uma complexa relação entre certo sentido prévio, que o termo preserva em virtude de razões etimológicas e históricas, e o conjunto de *usos* a que o termo se presta, em uma rede precisa de argumentos. E freqüentemente acontecerá que, se o termo “espécie” for usado unilateralmente para traduzir “*eidos*”, a tradução deixará escapar o ponto e assim se distanciará do pensamento que o texto original articula.

Mas, na verdade, questões lexicais envolvem apenas uma pequena parte dos problemas de tradução de um texto aristotélico. É muito mais complexa a questão da articulação sintática do texto original. Aristóteles usa e abusa dos recursos que conferem ao grego uma invejável concisão. Não poucas vezes, Aristóteles é obscuro até mesmo para especialistas, familiarizados com seu texto desde longa data. Não obstante, às vezes o texto aristotélico, apesar de enxuto ao extremo, é perfeitamente claro, pois se vale de uma série de recursos que são naturais e mesmo triviais na língua grega: as declinações, os participios, os modos e aspectos verbais, as partículas, etc. Diante desses casos, não tive dúvida: ao invés de levar o leitor ao desespero, na tentativa de compreender uma construção sintática obscura em português, ou no esforço por adivinhar “a palavra que está faltando”, procurei reescrever de modo claro, com os recursos próprios do português, a argumentação que se apresentava claramente articulada no texto original, embora com a concisão que a peculiaridade da língua grega lhe permite.

Buscando parâmetros de comparação para sedimentar os resultados que provisoriamente fui apresentando, utilizei diversas traduções:

- ROSS, David. (1984). *Metaphysics*, in Barnes, J. (ed.), *The Oxford Revised Translation*, Princeton: Princeton Univ. Press.

- KIRWAN, C. (1993). *Metaphysics - Books G, D and E*, Oxford: Clarendon Press, 2ª ed..

- CASSIN, B. & NARCY, M. (1989). *La décision du sens* (Le livre *Gamma* de la *Métaphysique* d’Aristote), introduction, texte, traduction et commentaire, Paris: Vrin.

¹ Ver Yebra [1982], p. xxx, xxxi.

- YEBRA, Valentín G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

- SANTORO, Fernando (coord.). (s/data). *Metafísica, Livro IV*, disponível no endereço eletrônico <http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia>.

As traduções de Kirwan e Cassin/Narcy, mais recentes, apresentam inúmeras vantagens em relação à já clássica tradução de Ross, sobretudo nas opções lexicais. A tradução em português de Santoro foi-me extremamente útil, como amostra de possíveis alternativas de reconstrução sintática do texto aristotélico em nossa língua. Dada a proximidade entre o espanhol e o português, eu poderia dizer o mesmo da tradução de Yebra. No entanto, parece-me que quase todas essas traduções recentes (sobretudo a de Kirwan) deixam transparecer uma aspiração talvez excessiva pela literalidade. É como se a “velha” tradução de Ross lhes parecesse contaminada por defeitos que deveriam ser evitados a todo custo: um léxico bastante consistente e já “institucionalizado”, mas estranho a Aristóteles; uma onipresente aspiração à clareza, que não hesita em parafrasear o texto e até mesmo inserir na tradução frases inteiras que não se encontram na letra original, desde que isso se afigure propício para oferecer um argumento completo, etc. Assim, no lugar do espírito de “paráfrase”, essas traduções recentes teriam como norma, parece-me, a fidelidade à letra do texto.

No entanto, apesar dos inúmeros méritos dessas traduções mais recentes, sobretudo na renovação lexical, a tradução de Ross preserva ainda sua importância. Pois, mais do que qualquer outra, ela *sente* o texto de Aristóteles em suas *nervuras vivas*: não apenas na articulação estritamente lógica dos argumentos, mas também na *motivação* de Aristóteles. Mais do que qualquer outro, Ross percebe o *acento* e a *tonalidade* do texto original, pois está devidamente atento à agilidade com que partículas, modos verbais, etc. constroem uma seqüência de pensamento que, em qualquer língua moderna, seria muito mais prolixa. A tradução de Kirwan, por sua vez, oferece soluções lexicais bastante inteligentes, mas às vezes corre o risco de transformar o texto aristotélico em algo que ele não é: um esqueleto sem nervos.

Teço aqui essas apreciações sobre a “velha” tradução de Ross justamente para ressaltar outro princípio que busquei seguir na tradução. É preciso atinar com o *espírito* do texto aristotélico e reescrevê-lo em português. Hesito falar em “estilo”, pois o modo de confecção do texto aristotélico (“notas de aula”) certamente não reserva nenhum lugar importante para a *estilização*. No entanto, dele resulta um “estilo”, se entendermos por “estilo” um conjunto de idiossincrasias e maneiras

recorrentes, (não apenas no léxico, mas sobretudo nas formulações sintáticas e na progressão argumentativa), as quais conferem ao texto uma *entonação*, uma *vivacidade* peculiar.

É essa entonação que precisa ser resgatada nas traduções modernas. É preciso que se reencontre, nas traduções, o espírito de pesquisa que motiva o texto aristotélico. Estou longe de ter alcançado resultados satisfatórios nesse terreno, mas espero que essa minha aventura sirva para aprimorar tentativas vindouras.

Em atenção às dificuldades lexicais (terríveis para qualquer tradutor...), ofereço no final deste volume um pequeno glossário, no qual comento algumas alternativas, procuro elucidar alguns problemas e justifico as opções que adotei.

Texto

Para supervisão das variantes de leitura e estabelecimento do texto final a ser traduzido, utilizei as seguintes edições críticas:

- BEKKER, E. (1961). *Aristotelis Opera*, editio altera Olof Gigon, Berlin: Walter De Gruyter.

- CASSIN, B. & NARCY, M. (1989). *La décision du sens* (Le livre *Gamma* de la *Métaphysique* d'Aristote, introduction, texte, traduction et commentaire), Paris, Librairie Philosophique Vrin.

- JAEGER, Werner. (1957). *Metaphysica*, Oxford: Clarendon Press.

- ROSS, D. (1924). *Aristotle's Metaphysics*, a revised text with introduction and commentary, 2 vols., Oxford, Clarendon Press.

Acrescente-se também:

- YEBRA, Valentín G. (1982). *Metafísica de Aristóteles*, ed. trilingüe, Madrid: Gredos, 2ª ed.

Para este volume, que não almeja ser mais que uma tradução ainda provisória, adotei como base protocolar o texto estabelecido por David Ross, do qual me distanciei em algumas ocasiões, a partir das indicações contidas em seu próprio aparato crítico e nas demais edições. Fiz um exame mais sistemático de todas as variantes, em vez de verificá-las apenas quando a dificuldade do próprio texto me ensinasse a fazê-lo. Gostaria de ter elaborado um modesto aparato crítico (conforme o modelo seguido por algumas edições da Loeb Classical Library) indicando as (poucas) divergências de leitura com relação ao texto base de Ross, mas dificuldades

técnicas me impediram de fazê-lo. Além do mais, as divergências de leitura em relação ao texto estabelecido por Ross, todas elas justificadas nas notas, foram poucas: 1004a 1; 1007b 33; 1010b 2; 1011a 5; 1012b 9 e 1026a 14.

Agradecimentos

O prof. José Cavalcante de Souza merece agradecimento especial, por ter me acompanhado e incentivado na leitura dos textos gregos desde minha graduação e minha pesquisa de iniciação científica.

Marco Zingano e Alberto Alonso Muñoz são responsáveis por boa parte do material bibliográfico que apoiou e mesmo viabilizou a confecção desta tradução. Agradeço-lhes pela generosidade e pelo constante incentivo e encorajamento.

Agradeço também aos alunos de graduação que, desde o primeiro semestre de 2000, sofreram pacientemente ao serem submetidos às primeiríssimas versões, ainda cruas, de algumas partes desta tradução.

Agradeço a todos os colegas, de várias universidades, que adotaram a primeira versão desta tradução como instrumento de trabalho.

Agradeço a Luis Márcio Nogueira Fontes pelo auxílio na revisão final e pela solicitude de inúmeras sugestões.

Agradeço também o permanente apoio de Fátima Regina Évora, Luis Henrique Lopes dos Santos, Balthazar Barbosa Filho, Roberto Bolzani, Francisco Benjamin de Souza Neto, Luiz Roberto Monzani, Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, Fausto Castilho, Luiz Orlandi e Marcos Müller.